



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS VI - POETA PINTO DO MONTEIRO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS - CCHE  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS**

**MARIA JOSEANE FERREIRA DE SOUZA**

**O FEMININO ENTRE O EROS E THANATOS: REFLEXÕES ACERCA DA  
REPRESENTAÇÃO DO FEMININO NO CONTO O CORPO DE CLARICE  
LISPECTOR.**

**(ARTIGO)**

**MONTEIRO – PB  
2018**

**MARIA JOSEANE FERREIRA DE SOUZA**

**O FEMININO ENTRE O EROS E THANATOS: REFLEXÕES ACERCA DA  
REPRESENTAÇÃO DO FEMININO NO CONTO O CORPO DE CLARICE  
LISPECTOR.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Letras, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), em cumprimento à exigência para a obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Márcio dos Santos  
Gomes

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S719r Souza, Maria Joseane Ferreira de.  
O feminino entre o Eros e Thanatos [manuscrito] : reflexões acerca da representação do feminino no conto O Corpo de Clarice Lispector / Maria Joseane Ferreira de Souza. - 2018.  
32 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas , 2019.  
"Orientação : Prof. Dr. Márcio dos Santos Gomes ,  
Coordenação do Curso de Letras - CCHE."  
1. Clarice Lispector. 2. O Corpo (Conto). 3. Mulher na literatura. 4. Mulher e Patriarcalismo. 5. Mulher e Submissão. I.  
Título

21. ed. CDD B869.3

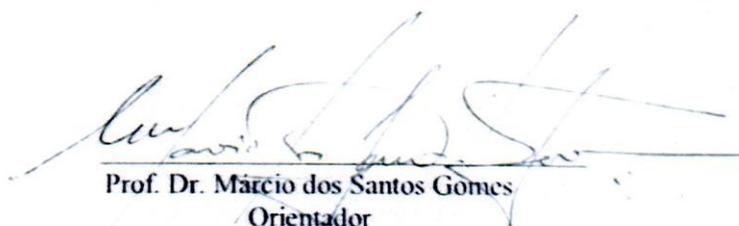
**MARIA JOSEANE FERREIRA DE SOUZA**

**O FEMININO ENTRE O EROS E THANATOS: REFLEXÕES ACERCA DA  
REPRESENTAÇÃO DO FEMININO NO CONTO DE CLARICE LISPECTOR**

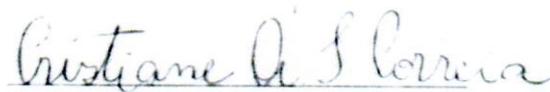
Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentada à coordenação do curso de  
Licenciatura Plena em Letras da  
Universidade Estadual da Paraíba, em  
cumprimento à exigência para obtenção  
do título de Licenciada em Letras.

Aprovada em: 14 / 12 / 2018

**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Dr. Márcio dos Santos Gomes  
Orientador



Prof. Dr. Cristiane Stolet – UEPB  
Examinador



Prof. Me. Simone Alves – UEPB  
Examinador

Dedico à Deus primeiramente aos meus pais e todos os meus familiares.

## AGRADECIMENTOS

Registro aqui minha gratidão a Deus primeiramente por sempre estar comigo, pois nada eu seria sem a sua proteção e sua fortaleza. Obrigada por aumentar a minha fé a cada dia.

Meus agradecimentos, em especial, à minha família que sempre esteve torcendo por mim e me apoiando durante toda a jornada do curso; agradeço a minha mãe, Joana Dar'c Ferreira Lino Souza, que esteve sempre orando e cuidando de mim; ao meu pai, José de Oliveira Souza, que sempre se demonstrou pronto a me ajudar quando necessário; aos meus irmãos, Jociflávio Ferreira de Souza, Jocivam Ferreira de Souza Cavalcante, José Tiago Ferreira de Souza, João Batista Ferreira de Souza, que contribuíram muito para meu desenvolvimento acadêmico, pois sempre estavam preocupados comigo e se fizeram presentes nos momentos precisos. Amo a todos. Sou grata às minhas cunhadas, sobrinhos, avós maternos e tios.

Agradeço a Madson Silva de Queiroz (In memorian), que foi meu namorado, pessoa que Deus me deu o privilégio de conhecer e de amá-lo. Hoje não está entre nós fisicamente, pois atendeu ao chamado do pai celestial, mas, que se aqui estivesse, estaria muito feliz por essa minha conquista alcançada. Agradeço também à família dele.

Agradeço aos meus amigos e minhas amigas, sobretudo minha amiga/irmã Marta Conceição de Lima Souza, que sempre esteve do meu lado dividindo os momentos de alegrias/tristezas, me dando forças nos momentos mais difíceis que precisei, e, especialmente, à minha grande amiga Anna Paula Aires, que foi alguém que contribuiu muito para o término deste trabalho, e Jaine Caroline Cordeiro, pela companhia sincera.

Agradeço aos meus colegas, companheiros (as) de jornada acadêmica, pelas lições compartilhadas e pelas buscas em comum.

Grata a minha amiga Sandra Amâncio, a qual esteve me apoiando e incentivando da melhor maneira para a conclusão do trabalho.

Agradeço aos coordenadores (as), secretários (as) do curso de Letras e à Direção do CCHE, pela demonstração de compromisso com bom desenvolvimento de nossas atividades acadêmicas.

Por fim, sou grata a todos (as) os (as) professores (as) que me proporcionaram ensinamentos de suma importância, sejam eles do curso de português, sejam dos demais cursos.

*Eu, que entendo o corpo. E suas cruéis exigências. Sempre conheci o corpo. O seu vórtice estonteante. O corpo grave. Clarice Lispector, em epígrafe de A via crucis do corpo.*

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. REPRESENTAÇÕES DA MULHER NO MEIO SOCIAL: UM PARADIGMA ENTRE SER E VIVER .....	13
2. A ANÁLISE: DO TRIÂNGULO AMOROSO AO MACHISMO CRISTALIZADO – A TRANSGRESSÃO PELA MORTE.....	19
2.1 Esposas em meio a oposições: Entre o Eros e o Thanatos.....	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	29
REFERÊNCIAS .....	32

## **O FEMININO ENTRE O EROS E THANATOS: REFLEXÕES ACERCA DA REPRESENTAÇÃO DO FEMININO NO CONTO O CORPO DE CLARICE LISPECTOR.**

SOUZA, Maria Joseane F. de. **O feminino entre o eros e thanatos: reflexões acerca da representação do feminino no conto O corpo de Clarice Lispector.** (Trabalho de Conclusão de Curso - TCC). Monteiro: UEPB, 2019.

### **RESUMO**

Esta pesquisa tem por objetivo analisar o conto de Clarice Lispector, *O Corpo*, inserido na coletânea *A via crucis do corpo*, uma narrativa que se desenvolve a partir de um triângulo amoroso entre um homem e duas mulheres, que essas ora se apresentam submissas ora transgressoras. Partimos do seguinte problema como são construídas as personagens femininas no conto clariceano se levamos em condição a relação entre o Eros e o Thanatos como constituintes da problemática que envolve as relações de gênero com o patriarcado? O feminino clariceano é posto aqui, mais uma vez, como paradoxo que lhe é peculiar, de acordo com nossa leitura crítica, entre a aceitação e a contestação dos valores, entre a emancipação feminina sugerida e a opressão masculina aparentemente inexorável. A partir da narrativa do conto, nosso trabalho procura analisar as personagens diante de um quadro cultural de valores patriarcais, compreendendo a trajetória que as elas trilham em busca da descoberta do prazer e do desejo e, em que momento surgem os conflitos interiores. Tomamos como hipótese que o trabalho se constrói a partir de uma ambivalência que só se resolve através do insólito, do inesperado. Tal evento narrativo insólito é a morte, materializada por Carmem e Beatriz, personagens marcadas por traços de reflexão interna, por um conflito consigo mesmas e com o mundo e, que se descobrem de repente, sendo o fio condutor e preenchido de representações com o “corpo”. Propomos uma interpretação do conto clariceano, na qual o evento libertador do feminino é a morte, que se instaura a partir de uma condição sempre posta e configurada entre antinomias e paradoxos, conformidade e questionamento, repressão, emancipação, angústia pela solidão, erotismo e morte, ou seja, o Eros e Thanatos que propomos como binômio articulador do feminino na narrativa. Para tanto, fundamentamos o trabalho com autores como Bourdieu (2007), Koss (2004), Rosenbaum (2002), Xavier (1998), Freud (1920), entre outros.

**Palavras-chave:** conto clariceano; feminino; patriarcado; emancipação; morte.

## RESUMEN

Esta pesquisa tiene por objetivo analizar el cuento de Clarice Lispector, *El Cuerpo*, inserido en la coletánea *La vía crucis del cuerpo*, una narrativa que se desarrolla a partir de un triángulo amoroso entre un hombre y dos mujeres, que esas ora se presentan sumisas ora transgresoras. Partimos del siguiente problema ¿cómo son construidas las personajes femeninas no conto clariceano se levamos en condición a relación entre o Eros e o Thanatos como constituyentes da problemática que envuelve as relaciones de género con o patriarcado? El femenino clariceano es puesto aquí, más una vez, como paradojo que le es peculiar, de acuerdo con nuestra lectura crítica, entre a aceptación y la contestación de los valores, entre la emancipación femenina sugerida y la opresión masculina aparentemente inexorable. A partir de la narrativa del cuento, nuestro trabajo procura analizar las personajes delante de un cuadro cultural de valores patriarcales, comprendiendo la trayectoria que ellas trillan en busca de la descubierta del placer y del deseo y, en que momento surgen los conflictos interiores. Tomamos como hipótesis que el trabajo se construye a partir de una ambivalencia que sólo se resuelve a través del insólito, del inesperado. Tal evento narrativo insólito es la muerte, materializada por Carmem y Beatriz, personajes marcadas por trazos de reflexión interna, por un conflicto consigo mismas y con el mundo y, que se descubren de repente, siendo el fio conductor y rellenando de representaciones con el “cuerpo”. Proponemos una interpretación del cuento clariceano, en la cual el evento libertador del femenino es la muerte, que se instaura a partir de una condición siempre puesta y configurada entre antinomias y paradojos, conformidad y cuestionamiento, represión, emancipación, angustia por la soledad, erotismo y muerte, o sea, el Eros y Thanatos que proponemos como binomio articulador del femenino en la narrativa. Para tanto, fundamentamos el trabajo con autores como Bourdieu (2007), Koss (2004), Rosenbaum (2002), Xavier (1998), Freud (1920), entre otros.

**Palabras-clave:** cuento clariceano; femenino; patriarcado; emancipación; muerte.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como tema o comportamento e sofrimento feminino como instrumento na busca pela libertação, partindo de aspectos como o erotismo, a submissão da mulher, a busca da liberdade diante da tônica do poder masculino presente na Literatura Brasileira Contemporânea. Como objeto de análise privilegiado o trabalho toma especificamente o conto “*O Corpo*”, inserido no livro *Via Crucis do Corpo*, de Clarice Lispector, pois entendemos que o tema o corpo é um dos elementos que norteiam a construção da sexualidade e identidade feminina nessa narrativa, elemento privilegiado no sentido de abrir a possibilidade para reflexão em torno do preconceito social e a repressão sofrida pelas mulheres.

Partimos do seguinte problema: como são construídos as personagens femininas no conto clariceano se levamos em condição a relação entre o Eros e o Thanatos como constituintes da problemática que envolve as relações de gênero com o patriarcado?

Como fundamentação teórica para o desenvolvimento do trabalho foram utilizados aqui autores que tratam do tema do feminino na sua interrelação com comportamentos submissos, eróticos, transgressores, busca da identidade, para tanto baseamo-nos em autores como Del Priore (2011), Xavier (1998, 2007), Freud (1920, 1921), Foucault (1977, 2015), Silvia; Olivia (2014), Koss (2004), Rosenbaum (2002), Birman (1999, 2001), Breton (2016), Stearns (2010), Bourdieu (2007).

A proposta é desenvolver a análise tomando como fundamento o comportamento das personagens, focalizados a partir da perspectiva social, psicológica e individual buscando afirmação da identidade feminina através da vontade, que propicia uma libertação da repressão, frente ao patriarcado (machismo) como o elemento ameaçador. Logo, Lispector propõe uma narrativa que transcende a ordem de instituições religiosas e sociais, imbuídas de regras do patriarcado onde a mulher foi vítima e algoz, indo do desejo, erotismo a aspectos inusitados ao campo feminino.

Desse modo, essa aproximação com o texto de Clarice Lispector aqui proposta, se justifica por nos últimos anos não termos encontrado nenhuma pesquisa que trate da questão a partir dessa perspectiva proposta da questão do patriarcado, submissão feminina, dor e angústia sob a perspectiva do Éros e Thanatos no texto clariceano. Na revisão bibliográfica que fizemos, o trabalho, por exemplo, de Defilippo (2008) intitulado “A Hora do lixo: literatura encomendada de Clarice Lispector” trata da questão de Clarice buscando construir uma relação entre desejo à cultura massa. Já Bentes (2016) no trabalho intitulado “A via crucis

do corpo da mulher: trajetos de violência na literatura brasileira sob a ótica dos direitos humanos das mulheres”, que propõe uma reflexão sobre a figura feminina na sociedade, levando autores como Lima Barreto, no séc. XX, a desenvolver crônicas que demonstram inconformismos sobre a forma como as mulheres são submissas aos parentes e aos maridos por se deixarem levar por paixões e não buscam os seus direitos, mesmo que existam algumas mulheres que alcancem progressos. A autora busca perceber as representações falocêntricas a partir de um panorama de poder.

Entendemos que as personagens de *Lispector* distinguem-se pela reflexão interna, por relações conflituosas consigo mesmas e também com o mundo que as cercam, o que propicia sua autodescoberta e, quase sempre, isso se dá pelo inesperado, com características peculiares. Partimos da hipótese inicial de que, no conto o corpo explora, em muitos âmbitos, a ruptura com os padrões sociais que impõem a moral e os bons costumes. Isso ocorre pela existência de um triângulo amoroso que rompe com os padrões de uma sociedade monogâmica baseada em preceitos religiosos, sociais e culturais, pois as personagens do texto de *Lispector* são mulheres divididas internamente que oscilam entre a sua condição feminina e o desejo de rebelação, o desejo de viver intensamente, realizando suas vontades, evidenciando um processo dialético e paradoxal de busca pelo autoconhecimento.

O conto que tomamos como corpus de trabalho, narra a história de Xavier, um homem caracterizado como truculento que mantém um relacionamento de bigamia com Carmem e Beatriz, duas mulheres descritas textualmente como opostas tanto do ponto físico quanto da personalidade. No decorrer da narrativa percebemos um assujeitamento das figuras das mulheres para com o personagem Xavier, isso ocorre até descobrirem a “quarta mosqueteira”: a prostituta que ele tinha como caso extraconjugal. A partir desse momento, Carmem e Beatriz desenvolvem os sentimentos de ciúme e raiva e, rapidamente decidem pela morte de Xavier, tendo o corpo morto a sua frente, que é enterrado no próprio jardim, cobrem-se com uma muda de rosas vermelhas.

Na leitura do conto, evidencia-se que, ao mesmo tempo em que as personagens sentem um desejo erótico recíproco, a pulsão de vida, o mesmo traz consigo também o Thanatos, isto é, a angústia, a dor, ou seja, a pulsão de morte, cujo desfecho se explicita no assassinato de Xavier, neste caso, fator que aproximou mais ainda Carmem e Beatriz. Entendemos a afinidade existente entre os personagens está baseada na submissão, a sexualidade aguçada se desprende dos valores morais defendidos pela sociedade, sendo os anseios corroborados por Carmem, Xavier e Beatriz que são de paixão e prazer.

Nesse sentido, entendemos que as personagens femininas, Carmem e Beatriz,

apresentam um discurso de transformação da realidade e condição social, e esta se encontra fundada eminentemente em ações baseadas no erotismo, que permite uma possível “libertação” de sua condição de assujeitamento moral, social e revertendo a impossibilidade de chegar ao ápice de seus desejos.

A partir de então desdobram-se duas hipóteses: a primeira é que os temas tratados ao longo da narrativa (desejo, sensualidade, poder) ali se colocam com objetivo de veicular um desejo (pulsão de vida) no leitor da obra. A segunda é que ao mesmo tempo em que as personagens sentem um desejo de vida pelo outro, esse traz consigo o Thanatos, a dor e por fim, a pulsão de morte, dada na obra pelo assassinato de Xavier, entendido aqui como o conceito do lúdico no sentido de que propicia uma destruição para que possa haver um ressurgimento, uma recriação, uma transformação desse leitor do conto.

A palavra criação nos chega impregnada da tradição filosófica e religiosa judaico-cristã, já que a Criação é o ato divino de criação do mundo, conforme registra ao Velho Testamento. Para a nossa terrena condição humana, porém, a criação consiste numa produção original de uma obra ou ideia, de algo inédito, a partir de coisa pré existente, que o artista “dá vida” através de sua realização concreta e que será capaz de despertar no outro uma experiência estética. Pensar a criação é pensar um espaço-tempo gerador de intercâmbios e ligações, terreno de Tânatos. O destruir-criar caracteriza a experiência humana do espaço lúdico, que se manifesta na brincadeira das crianças, bem como na vida adulta consiste na área de transformação dos objetos arcaicos em composições diversas na obra de arte. (ROSA, 2016, p.11)

Portanto, percebemos que compõem a construção do conto, elementos em torno do tema do erotismo, da sensualidade, da submissão, do machismo, busca de libertação na narrativa a partir de algumas perspectivas que se complementam: a de um texto literário que atrai seus leitores - seja pela relação que propõe com erotismo ou pela repulsa a esse erotismo – e a do enredo que evidencia tanto o desejo de vida (sexual) entre eles, quanto o desejo de vingança, resultando na libertação das amarras que prendiam aquelas duas mulheres. Desse modo, ao nos apresentar a este universo “feminino”, entende-se que Lispector evidencia a importância da linguagem para construção da identidade do sujeito contemporâneo.

## **1. REPRESENTAÇÕES DA MULHER NO MEIO SOCIAL: UM PARADIGMA ENTRE SER E VIVER**

Desde os primórdios da humanidade a imagem feminina é associada a fatores como submissão e inferioridade se comparada ao sexo oposto. Os registros bíblicos utilizam-se da metáfora da sedução da mulher pela serpente para representá-la como uma má influência, como

o pecado.

A serpente instrumento que levou ao pecado, aconselha o prazer, a sensualidade do corpo animal [o feminino que existe em nós] obedece, a razão consente”. E a mulher que colhe a maçã, que a oferece ao homem, “por que depois do prazer da concupiscência carnal, a razão é levada a pecar”. (DUBY & PERROT, 1990, p. 7-8)

Assim, nossa cultura, cujos fundamentos remontam tradição bíblica manteve a imagem de uma mulher que deve ser frágil, submissa e logo governada por seus companheiros e dedicadas as atividades do lar, incluindo a incumbência de necessariamente e tão somente por ser mulher, ter que ser mãe.

Desse modo, na infância as crianças devem ser bem cuidadas para terem saúde e boa educação, foi em decorrência disso que, na modernidade, não apenas a figura da mulher foi configurada como mãe, como também foi alçada ao campo da governabilidade. Birman (2001)

Como bem sabemos, para as mulheres a exigência da maternidade era algo inquestionável e intrinsecamente ligada a sua condição de ser “fêmea”. O Papa Pio XII (1943) reforça essa ideia através da suposta moral cristã.

Em um como em outro estado civil, o dever da mulher aparece nitidamente traçado pelos lineamentos, pelas atitudes, pelas faculdades peculiares do eu sexo. Colabora com o homem, mas no modo que lhe é próprio, segundo sua natural tendência. Ora, o ofício da mulher, sua maneira, sua inclinação inata, é a maternidade. Toda a mulher é destinada para ser mãe: mãe no sentido físico da palavra ou num significado mais espiritual e elevado, mas não menos real. A este fim o Criador ordenou todo o ser próprio da mulher, seu organismo, mas também seu espírito e, sobretudo, sua especial sensibilidade, de modo que a mulher, verdadeiramente tal, não pode de outro modo ver nem compreender a fundo todos os problemas da vida humana, senão com relação à família. Por isto, o sentido agudo de sua dignidade a coloca em apreensão cada vez que a ordem social ou política ameaça prejudicar sua missão materna, em favor da família (PACELLI, 1943, p. 13)

Segundo Koss (2004, p. 93), “O patriarcado se estrutura em torno da autoridade masculina e se caracteriza pela ordenação do mundo em opostos hierárquicos, na raiz dos quais sempre encontramos a dualidade sexual básica entre macho e fêmea”. Nesse sentido, a mulher não tem voz ativa, sendo submetida ao silêncio e à marginalização, na maioria das vezes, vista como mero objeto erótico ou mercadoria que deve estar sempre à disposição do desejo do usufruto do homem, dos ímpetos da sexualidade do mais forte. Elódia Xavier (1998) a esse propósito,

A dominação masculina confirma o sistema opressor que condena o sujeito feminino a conviver com a discriminação como se esta fosse um processo

natural. As Instituições sociais encarregam-se de perpetuar o suposto destino de mulher. A masculinização do corpo masculino e a feminilização do corpo feminino são o resultado de um trabalho incessante e interminável que acaba por materializar a dominação masculina. Neste processo, trabalham, conjunta e harmoniosamente, Família, Escola, Igreja e Estado (XAVIER, 1998, p. 77).

Seguindo a argumentação dos autores citados, percebemos que as mulheres são instruídas a agir na sociedade como se todas tivessem o mesmo destino, sendo assim se o gênero feminino entra por esta zona de conformismo acaba por não ter novas visões e novas expectativas para buscar uma melhoria de vida permanecendo escravas de si próprias e de uma sociedade falocêntrica.

Segundo a perspectiva teórica que adotamos aqui, no que concerne ao fenômeno literário, em várias narrativas como na obra, Helena, através da figura da personagem Helena e Dona Glória, em Dom Casmurro, obras Machadianas, as mulheres preocupavam-se apenas em procriar, se comportando de maneira meiga, esbanjando docilidade, deixando seus sentimentos claros, sem o direito de expor sua opinião e sem perspectivas para a inserção no universo da escolaridade e do trabalho, ao contrário do homem que é representado como dotado de comportamentos viris, impetuosos e até violentos. A figura feminina, perante a sociedade, não podia se negar a se casar e a ser mãe para não serem vistas como mulheres da vida ou prostitutas e isso se reflete também na literatura de alguns autores como Clarice Lispector.

Assim, ser ou não mãe é fundamental para entender a mulher normal, a criminosa e a prostituta, uma vez que, a negação a maternidade pode ser vista como um desvio de conduta. Segundo Lombroso e Ferrero (1893, p.126): “A maternidade é, portanto, a característica da mulher e da fêmea. Da maternidade deriva-se praticamente toda a sua diversidade dos corpos orgânicos e psíquicos da mulher.<sup>1</sup>”.

A prostituta é considerada como a forma feminina do crime, e possuem características muito similares ao homem criminoso: desejo sexual, alcoolismo, e outras -, essas indivíduos normalmente não cometem delitos, ou quando o fazem são mais brandos – roubos pequenos, chantagem e agressões físicas. Além disso, não apresenta grandes perigos a sociedade. A criminosa é da categoria de delinquentes, extremamente anormais e degeneradas. São mais perversas que os homens criminosos, e possuem traços masculinos. Seus crimes são mais variados – envenenamento, assassinato, ladras, fazem parte de gangues, a crueldade é exacerbada. Apenas matar a vítima não a satisfaz, sentindo a necessidade de observar o indivíduo sofrer antes de falecer, elas são as verdadeiras inimigas da sociedade (LOMBROSO e FERRERO, 1893, p. 69).

---

<sup>1</sup>Maternity is therefore the characteristic of the female and of the woman. From it derives nearly all of her organic and psychic variability.

Tal fato também ocorre quando a mulher se coloca em condição de produtora intelectual e/ou artística, elaborando conhecimento e arte e participando das discussões envolvidas neste campo. Desde muito tempo, observa-se uma marginalização da figura feminina que ocupa essa posição, tendo em vista que o machismo entrelaçado às raízes históricas evidencia a mulher em posição de inferioridade intelectual em relação ao homem. Para aqueles que ditam as leis patriarcais desejáveis que toda mulher fosse mãe, pois desta forma, elas teriam menos tempo para reivindicar seus direitos de inserção social e impedir a interferência na vida social de seus esposos.

[...] a escritura também o faz a partir de um obscurecimento do fio narrativo, de uma pedra dos referenciais romanescos familiares e de desmascaramento da dita naturalidade dos papéis sexuais e sociais que na verdade são construídos historicamente e culturalmente (ROSENBAUM, 2002, p.36).

Segundo o nosso entendimento a partir da perspectiva teórica adotada, as diferenças criadas para ambos os gêneros estão calcadas nos papéis sociais diferenciados que assumem no meio cultural em que se inserem e no conjunto de suas práticas enquanto sujeitos envolvidos em demandas ordenadas segundo ditames de certos eixos estruturantes da sociedade, que consistem na constituição de pólos ligados à dominação *versus* a submissão. Isso está reforçado nos postulados propostos por Koss (2004), que afirma que:

Por sua vez, quando atribuímos aos homens características como agressividade, dominação, lógica, competitividade, razão, afirmamos igualmente que sua função é atuar no mundo público, criando os recursos financeiros, materiais e intelectuais necessários para a manutenção e o desenvolvimento da sociedade. Uma função dominante no sistema patriarcal. (KOSS, 2004, p.178)

A diferença de gênero é notada a partir da diferença anatômica, pois a figura masculina é representada de forma desigual e antagônica, sem sensibilidade mantendo sempre uma posição de competidor nas diferentes esferas sociais, sendo assim o homem é notado como sexo forte dominador e considerado como o chefe da família enquanto a mulher é vista como sexo frágil, sedutor, sensível, dominado, domesticável e emotivo.

É o falo que vai ordenar a sexuação tanto para os meninos quanto para meninas. [...] Portanto, na chamada fase fálica, a oposição não se dá entre masculino e feminino, mas entre o *fálico* e o *castrado* (ou ativo e passivo), o que leva a postular a existência de uma só libido, masculina, no sentido de ativa (TEIXEIRA 2008, p.13).

A maioria das mulheres são assujeitadas mesmo tendo conquistado o espaço de viverem livres é preferível permanecerem submissas aos domínios masculinos por não conseguirem manter-se independente no campo afetivo-sexual, pois estão submissas ao outro para não sofrer devida carência e solidão.

De acordo com Silva (2003, p.90) a diferença entre os gêneros é compreensível, considerando-se o modo como os sujeitos são educados e formatados no seio da sociedade, pois ambos os sexos ganham uma educação diferenciada. As regras sociais fazem com que a figura feminina fique em desvantagem, uma vez que a educação a elas destinada tem como resultado mulheres que são educadas e domesticadas para serem companheiras, donas de casa e mães de maneira imposta, enquanto o sujeito do gênero masculino é criado, bem-educado, para ser independente ao feminino sem que elas interfiram. Nesse contexto, a solidão é um grande encargo sentido pelas mulheres a partir da opção: a emancipação.

O que nos parece acontecer é o fato de que, por ser algo recente e pouco discutido pela sociedade, há uma maior responsabilidade para enfrentar as diversas propostas que a sociedade impõe e propõe, pois as mulheres podem conquistar benefícios pertencentes à classe social por ser uma nova prática em concretização e também podem ser maiores prejudicadas em seu domínio afetivo-emocional, por não terem um homem ao seu lado para compartilhar das mesmas vontades e obterem satisfações em sua vida amorosa.

O fato de as mulheres poderem conquistar direitos específicos historicamente vedados ao gênero feminino traz consigo também uma série de pontos negativos. Por um lado, a emancipação sonhada pode vir acompanhada costumeiramente da solidão, ou seja, a liberdade se dá a prejuízo da vida amorosa. Por outro lado, a conquista da posição igualitária pode ser motivada por práticas sexuais que se instauram sob a égide da vingança o que dá origem a uma série de práticas marcadas por uma atitude pulsional negativa como traição ou o assassinato do parceiro.

Segundo Silva (2003, p.92), as repressões sexuais estão ligadas a um conjunto de regras que uma sociedade atribui à prática sexual na qual há diversas proibições, como o Tabu do incesto, para a permissão e proibição de práticas sexuais que possam conservar ou contrariar tal finalidade que a sociedade atribui ao sexo, como nas sociedades que o ato, apenas como forma de reprodução de outros seres e que se não for praticada para cumprir tal papel será reprimido. E outra forma de reprimir tais práticas que perturbam a finalidade de criação são casos recorrentes quando ocorre o adultério de ambas partes. No entanto, esse último não ocorre no conto: *O corpo*.

Portanto, a partir das ideias supracitadas, os autores demandam autoridade ao masculino caracteriza-se pela ordenação do mundo em opostos hierárquicos, na qual encontramos a dualidade sexual básica. São essas denominações fundadas no papel preponderante do masculino no mundo ocidental e cristão que determinam os papéis sociais do homem e da mulher, tornando a mulher um objeto de submissão, reprodução, pronta a

seguir as regras sociais impostas, mas a construção da identidade feminina parte da dor, sofrimento e repressão sofrida por elas, ao ponto de despertar e buscar sua libertação, expondo de maneira moral quem realmente é.

Neste sentido, ao relacionarmos esses discursos apresentados pelos teóricos à obra de Clarice, em especial ao conto intitulado *O corpo* – busca-se no comportamento das personagens características peculiares inerentes a uma sociedade moralista e crítica, ali representadas pela autora como fundamentos pela crítica por ela construída pelo machismo e da submissão da mulher focalizando o tema erotismo, pois as personagens femininas buscam sua libertação através do da pulsão do Eros e Thanatos. No conto, os elementos se integram: seja pela relação que propõe com erotismo ou pela repulsa a esse erotismo – e a do enredo que evidencia tanto o desejo de vida (sexual) entre eles, quanto o desejo de vingança, resultando na libertação das amarras que prendiam aquelas duas mulheres.

Procuraremos investigar de que forma a constituição das personagens Beatriz e Carmem se dá por meio de dicotomias que implicam em complementaridade. Xavier e as duas mulheres formam uma unidade somente ameaçada com o aparecimento de um quarto elemento, a prostituta, personagem que vem desestabilizar. Ela, a terceira, não é aceita por Beatriz e por Carmem que, entre si, não sentem ciúmes, porém não toleram um elemento alheio ao seu cotidiano.

No entanto, ainda persiste aqui a tríade perfeita, tão cara ao universo ocidental e cristã ainda que carnalizada. Xavier é também bastante perceptível na configuração de suas mulheres. Beatriz comia que não era vida. Era gorda e enxudiosa. Carmem era mais elegante. Beatriz, com suas banhas escolhia biquíni e um sutiã mínimo para os enormes seios que tinha. [...] Beatriz saiu e comprou uma minissaia. (LISPECTOR, 1998, p. 27 - 29). É perceptível a descrição das personagens a partir de suas particularidades corporais.

Nas sociedades que dão ao sexo a função de procriação vinculam a estrutura da família restrita onde são forçadas a atividades ambíguas, como é o caso da prostituição a qual não tem função de procriadora é uma prática condenada, mas essas mulheres passam a resolver suas frustrações de jovens solteiras e de homens que se consideram como pessoas solteiras, como acontece no conto de Clarice Lispector “*O corpo*”, pois retrata não a questão de ter um mau casamento, e sim porque os homens nunca se dão por satisfeitos e saem em busca de aventuras fora do casamento em locais como bordel, pois é lá que se encontra as prostitutas, mulheres que provocam a desordem familiar.

As prostitutas também eram procuradas por pais de rapazes da alta sociedade para ensinar a seus filhos os afetos sexuais e prepará-los para a vida, diferentemente acontecia com

as filhas desses pais, pois não havia a preocupação de ensinar ou falar sobre a sexualidade feminina, caso não muito comum, pois ainda existia uma grande dependência e submissão das mulheres a seus maridos até na forma de se comportar no ato sexual.

Atualmente, é notório que as mulheres galgaram muitos espaços sociais, inclusive a independência no que tange ao aspecto financeiro, todavia seus corpos como outrora ainda são idealizados e tidos como meros objetos para prazer de outros. Logo, essa objetificação do corpo feminino tem inúmeras consequências, que podemos enquadrar em uma cultura que pratica e cultua o machismo, também a violação e o desrespeito aos corpos femininos. Exemplos são os estereótipos de mulher perfeita, a santa e a prostituta (pervertida), a para casar e a para sexo. E também, a de corpos perfeitos reflexo de padrões irreais impostos ao corpo feminino, como podemos ver claramente nas telenovelas, anúncios publicitários e para serem desejáveis tem que alcançar essas imposições.

Como bem sabemos nossa sociedade é marcada por fortes traços de um legado patriarcal que exalta características que são descritas, tipicamente, como masculinas, como força, dominação, virilidade, autoridade absoluta e por outro lado, a submissão por parte da mulher.

Portanto, a representação feminina no conto, apesar de construída, levando em consideração diferentes perfis de personagens que constroem um contraste com o papel tradicional de esposa(s). Evidencia-se, pois, que a mulher, ao longo da história, teve seu papel circunscrito à vida privada e submissa às vontades do homem. E qualquer mulher, por algum motivo, ousassem transgredir essa ordem eram duramente punidas.

## **2. A ANÁLISE: DO TRIÂNGULO AMOROSO AO MACHISMO CRISTALIZADO - A TRANSGRESSÃO PELA MORTE**

O conto de Clarice Lispector inicia-se com um título simbólico “O corpo” que no imaginário masculino, é tradicionalmente colocado na posição de objeto erótico, fonte para a saciedade de seus desejos. A cultura patriarcal propagada voluntária e involuntariamente em nosso cotidiano tem como base uma ideia do homem como provedor familiar e da mulher como sua dependente, postulando que os provedores são aqueles que sustentam e dão ordens enquanto que às mulheres, conseqüentemente, fica reservado o lugar da obediência e, obviamente, do saciar sexualmente seus parceiros. Utilizamos aqui do verbo saciar, uma vez que o prazer, geralmente, era visto como algo exclusivamente outorgado ao sexo masculino, haja visto que não havia preocupação com o prazer da mulher, que tinha por únicas

incumbências procriar e proporcionar prazer ao seu esposo. O corpo nos parece ser, portanto, um conceito privilegiado para se tratar das questões que lhes atravessam, relacionadas eminentemente com o machismo e o patriarcado.

[...] o corpo no conto clariceano é um ponto de passagem indispensável na caminhada percorrida pelas personagens para a transcendência, tentando encontrar a consciência de si, sua inserção na existência, a náusea e o vazio de estar vivo. A identidade andrógena, tanto no masculino quanto no feminino adequa-se à busca pela transcendência que marca o percurso humano, e não de gênero. [...] as reações nauseantes, na obra de Lispector, seriam por meio de um mundo sexuado, ritmado por pulsações, marcado por fortes odores, pelos líquidos vitais como sangue, pelos gestos mais primitivos do ser vivo, como comer; por elementos básicos, como a terra ou pedras. O corpo seria o ponto de recepção de todas as percepções, absorvidas em sua dimensão, onde o seu efeito começa a fazer-se sentir para depois se transmitir a uma consciência que pretende chegar à consciência do ser. (SILVA; OLIVA, 2014, p.163).

Atualmente, é notório que as mulheres galgaram muitos espaços sociais, inclusive a independência no que tange ao aspecto de suas finanças, todavia seus corpos, como sempre historicamente, ainda são idealizados e tidos como meros objetos para prazer de outros. Logo, essa objetificação do corpo feminino vem produzindo inúmeras consequências, que podemos observar mais atentamente nas culturas que praticam e cultuam o machismo e, por consequência, que permitem também a violação e os desrespeito aos corpos femininos. Neles encontramos exemplos de estereótipos de mulher perfeita, a santa e a prostituta (pervertida), a para casar e a para sexo. E também, a de corpos perfeitos reflexo de padrões irreais impostos ao corpo feminino, como podemos ver claramente nas telenovelas, anúncios publicitários e etc. O que ocasiona nas mulheres uma auto objetificação tendo em vista que acreditam que para serem desejáveis tem que submeter-se a essas imposições. Portanto, desses estereótipos podem ser observados os dois papéis tradicionais desempenhados pela mulher no contexto de uma cultura patriarcal: a mulher para casar e a para sexo, para a diversão.

Historicamente, identificamos essa postura com relação à mulher ser defendida no discurso de Caminha ao descrever as índias ao Rei, aludindo maliciosamente, à nudez das índias: "(...) Ali andavam entre eles três ou quatro moças bem novinhas e gentis, com cabelos mui pretos e compridos pelas costas e suas vergonhas tão altas e tão saradinhas e tão limpas das cabeleiras que de as nós muito bem olharmos não tínhamos nenhuma vergonha".<sup>2</sup> Caminha expõe as índias como objetos sexuais, explorando-as visualmente, de maneira implícita em seu discurso aponta que não tem problema, como uma ação normal.

---

<sup>2</sup>Disponível:[https://www.passeiweb.com/index.php/na\\_ponta\\_lingua/livros/analises\\_completas/a/a\\_carta\\_de\\_caminha](https://www.passeiweb.com/index.php/na_ponta_lingua/livros/analises_completas/a/a_carta_de_caminha). Acesso em 07 de Nov. de 2018

De acordo com Vigarello (2013), por meio de uma perspectiva, social, cultural e política, a coragem, poder, vigor, excelência e força física são características do masculino que, nos primórdios da história da virilidade, associavam-se a um ideal de perfeição masculina. Ser viril seria o homem “completo”, em sintonia com uma tradição imemorial constituída por códigos, rituais e formações que geraram guerreiros, heróis, patriarcas, enfim, o homem de verdade. Viril não era apenas o masculino, mas um ideal de virtudes – autocontrole e dominação. Essas apontam quiça para uma personalidade dominadora e violenta, sendo reforçada em seguida pela qualificação de Xavier como um homem forte, sobrepondo-o a figura feminina.

Como sabemos, nossa sociedade é marcada por fortes traços de um legado patriarcal que exalta características que são descritas tipicamente como masculinas, como força, dominação, virilidade, autoridade absoluta e, por outro lado, a submissão por parte da mulher.

No conto clarenciano o narrador relata o seguinte a propósito da experiência cinematográfica de Xavier: “Foi ver O último tango em Paris e excitou-se terrivelmente. Não compreendeu o filme: achava que se tratava de filme de sexo. Não descobriu que aquela era a história de um homem desesperado” (LISPECTOR, 1998, p.23). Como lemos anteriormente o filme que excitou Xavier, trata-se verdadeiramente – apesar de ter sido criado para fins de ficção – de um estupro. Observemos a descrição para que possamos entender essa relação entre a agressão sexual e a ereção de Xavier.

Na cena do filme, a atriz apresenta-se verdadeiramente assustada, mas observemos também a legenda traduzida para o espanhol, ela corresponde à fala do ator Marlon Brando, que no momento em que viola a jovem atriz pede para que ela repita a expressão “Santa família”, que segundo ele ironicamente é a instituição – santa – que é idealizada, utilizada para inculcar a virtude entre os selvagens.

Realizando um paralelo entre o filme e o conto de Lispector, percebe-se que essa imagem de família como um ideal santo sempre está envelopada em matizes de ordem machista, assim sendo Xavier experimenta uma ereção, causada não pelo ato sexual em si, mas pela sensação de dominação e humilhação que o protagonista do filme reproduz com a menina ali exposta. A falta de entendimento dele das questões abordadas no filme se dá justamente pela empatia e pela normalidade que ele percebe o ato sexual, mesmo quando esse é caracterizado por uma violência, sendo assim podemos afirmar que a violência sexual contra a mulher é algo que aparece como banal aos olhos e machistas de Xavier.

Segundo Helena (1997), encontra-se na narrativa de Lispector não só uma crítica das formas de articulação de poder em um universo marcadamente masculino, mas também uma

crítica ao sujeito burguês, com seus símbolos fortemente internalizados. De acordo com a autora, Lispector,

[...] ao falar sobre a condição da mulher, e ao inscrevê-la como sujeito da estória e da história — não se limita à postura representacional de espelhar tal qual o mundo patriarcal e denunciá-lo, como se mergulhássemos nas águas de uma narrativa de extração neonaturalista. Nela se constrói, isto sim, um campo de meditação (e de mediação) em que se aprofunda o questionamento das relações entre a literatura e a realidade (HELENA, 1997, p. 109).

Sendo assim, conseguimos identificar que há uma correlação entre a narrativa do conto e o fato do narrador citar o filme. Ambos tratam em suas tramas de temáticas que extrapolam a tema do mero sexo, perpassando por questões como violência, e das temáticas relacionadas com as opções sexuais dos sujeitos ali envolvidos como bigamia, sexo em grupo, moralidade e imoralidade – aos olhos dos outros -, homossexualidade e etc. Todavia, o que Xavier conseguiu extrair da narrativa do filme foi unicamente as relações de ordem sexual, restringindo sua percepção especificamente ao que realmente se agradava: força, violência, sadismo. (SILVA; OLIVA, 2014).

A noite do último tango em Paris foi memorável para os três. De madrugada estavam exaustos. Mas Carmem se levantou de manhã, preparou um lautíssimo desjejum — com gordas colheres de grosso creme de leite — e levou-o para Beatriz e Xavier. Estava estremunhada. Precisou tomar um banho de chuveiro gelado para se pôr em forma de novo (LISPECTOR, 1998 p. 12).

Na sequência do conto clariceano percebemos que Xavier age, supostamente, diferente de outros homens, pois não obedeciam as leis criadas uma vez que busca sua liberdade ao extremo, ao escolher, por exemplo, ter duas esposas. Além disso, Xavier mantém um casamento bígamo, o que enaltece ainda mais sua masculinidade, diante os demais homens. O personagem encontra-se ainda com uma terceira mulher fora do casamento, o que atesta seu poder e domínio sobre as esposas deixando ainda mais claro para a sociedade seu modo de dominação e de virilidade para com as mulheres e demonstrando que são lhe servem como meros instrumentos sexuais, estando prontas para cumprir seu papel de esposas de acordo com a lei.

No entanto, esse não é o caso das esposas de Xavier, pois elas, se rebelam contra as normas e transgridem o poder estabelecido por ele. Agem de acordo com sua vontade buscando a liberdade a viverem uma nova vida diante suas escolhas, sejam elas amorosas ou eróticas. Cabe enfatizar, que apesar das atitudes de Xavier serem supostamente erradas e julgáveis, são facilmente justificadas por uma simples explicação: ele é homem. “Todo o mundo sabia que

Xavier era bígamo: vivia com duas mulheres”. (LISPECTOR, 1998, p. 22).

Percebamos também como o machismo está envolto no imaginário e nas ações do feminino, pois as esposas aceitavam e repetiam a situação. Carmem e Beatriz são esposas com aparências diferentes que se identificam na forma de se comportar diante tais situações, se destacando uma por formas grotescas de ser e outra por sua forma sexual. “Beatriz comia que não era vida: era gorda e enxundiosa. Já Carmem era alta e magra” (LISPECTOR, 1998, p. 22). Ambas aceitaram manter uma vida a três onde não havia ciúmes entre elas através de uma boa relação conjugal.

É notória a presença de adjetivos, “gorda”, “magra”, “alta” para referir-se as mulheres do conto, esse aspecto aponta para a objetificação da figura feminina, que essa aparece no texto essencialmente por seus atributos físicos, corpóreos como se nada mais importasse. Como ratificamos nesse fragmento: “E comeu sozinho um frango inteiro. As duas comeram o outro frango. Os frangos eram recheados de farofa de passas e ameixas, tudo úmido e bom” (LISPECTOR 1998, p. 21). Dada a descrição, observamos que as personagens têm uma identidade visual impositiva e/ ou objetificada, atrelados ao ato de comer e não a características da sua inteligência, por exemplo.

De acordo com Rosário (2006), dentro de uma perspectiva grega,

[...] a moral quanto ao corpo e ao sexo não era rigidamente organizada e autoritária, apenas estabelecia algumas normas de conduta para evitar os excessos, que significavam a falta de controle do indivíduo sobre si mesmo, prescrevendo o “bom uso” dos prazeres (bebida, comida, sexo). Estes, porém, eram considerados apenas para os cidadãos, isto é, para os homens livres, estando excluídos tanto os escravos como as mulheres. Para estas cabia cumprir funções como obediência e fidelidade aos seus pais e maridos e a reprodução. Os prazeres eram do domínio masculino, não do feminino (ROSÁRIO, 2006, p.06).

A representação do personagem Xavier no conto “*O corpo*”, ultrapassa dogmas cristãos e bons costumes sociais. Apesar de representado como um homem respeitado e frequentador da Igreja Católica, tinha as duas esposas. Xavier vivia com duas mulheres. “[...] Cada noite era uma”. À vezes duas vezes por noite (LISPECTOR, 1998, p.27). Xavier por ser bígamo, transgressor dos dogmas da Igreja, é exaltado por traços da força masculina quando é descrita a forma como ele se alimenta: “Xavier comia com maus modos: pegava a comida com as mãos, fazia muito barulho para mastigar, além de comer com a boca aberta” (LISPECTOR, 1998, p.28).

Xavier uma das personagens do conto não foge à regra representada como um “homem truculento e sanguíneo” (Lispector), atributos expressos no personagem que fazem referências

inerentes aos traços de masculinidade de uma sociedade tipicamente patriarcal como ainda a atual.

Descrito, Xavier como: “Muito forte esse homem”, o que nos faz questionar a que está relacionada essa força: a sua sexualidade, virilidade, ou a afirmação de seu papel como homem, provedor da casa, macho alfa que mantém duas mulheres, Xavier como um bom representante da sociedade arcava com todas essas responsabilidades tinha família, emprego e uma vida social invejável gostavam de tangos, era um homem culto. Como o homem culto que era Xavier não poderia perder nos cinemas a exibição de “O último tango em Paris”, fato marcante na narrativa no que se refere à análise que aqui propomos. Ressalta-se a necessidade de uma pequena síntese do enredo de produção cinematográfica para entendermos mais acerca da temática trabalhada. O último tango em Paris trata-se de um filme em que as personagens estão sem rumos em sua vida, devido alguns acontecimentos ocorridos no particular de cada um, ambos vivem de forma anônima em um local ou espaço que permite a eles uma troca de várias vivências como: o sexo, o diálogo e até mesmo brigas que são vistas de maneira íntima. São personagens com destinos e gostos diferentes ligados por um único motivo: sexo.

Além da descrição como homem grosseiro e inculto, há uma espécie de naturalização de um costume pouco natural, talvez porque quem o transgrida seja um homem. Podemos associar a figura de Xavier com características de deuses da mitologia grega.

Os gregos e romanos surgem como liberais. Em Pompéia existem gráficos e pinturas que tratam das atividades sexuais, expressadas com mais naturalidade e menos inibição do que hoje em dia. O falo (pênis), personificação do deus Facinus, era venerado como símbolo da fertilidade e da abundância. Esculpido em vários tamanhos e diversos materiais, esse símbolo era excluído de qualquer conotação obscena. Na Grécia, a mitologia e os costumes dos gregos estavam impregnados por envolvimento sexuais, eróticos Luna (2008). Assim, outros deuses também se tornaram símbolos da sexualidade:

Dionísio é cultuado por ser o deus das festas e dos prazeres do submundo. Em suas festas, eram consumido vinho em grande quantidade, e em alguns momentos, os participantes das orgias tinham que comer da sua própria carne e beber do seu sangue. Nessas festas, era sacrificada alguma vítima, sendo o sangue considerado como vinho. Xavier, Beatriz e Carmem, na noite do “Último tango em Paris”, viveram essa experiência erótica da Ménage à trois, comeram, beberam e satisfizeram-se (SILVA e OLIVA, 2014, p.166).

Portanto, destaca-se Dionísio, deus da embriaguez e do vinho, produzia festas alegres, orgiásticas e de fertilidade. Bacantes - sacerdotisas do romano Baco, identificado a Dionísio - levavam o sexo a um ponto animal: mais uma vez o sangue poderia correr juntamente com o gozo em ritos mágicos e religiosos. Luna (2008). Os gregos são vistos como os mais liberais,

pelo menos é a visão que a maioria do Ocidente tem sobre este povo. “O sexo era natural, divino e sempre era realizado como forma de adoração. Não era discriminado e o senso de pudor não existia porque não havia o “não-divino” na sexualidade grega. Crowley e Ligvori (2008).

Assim, Clarice Lispector em seu conto expõe, o poder masculino sobre o feminino, especialmente o corpo feminino, e a angústia advinda desses conflitos. A violência silenciosa do cotidiano empresta ao lar uma falsa harmonia, a partir da postura cordata e conciliadora da mulher, como forma de elaboração de uma teia histórica em que o patriarcado, se exprime por arbitrariedades, submissão, e vozes não mais silenciadas são narradas. O discurso do submisso que dá sua versão dos fatos faz ecoar, silenciosamente, os gritos de horror, desacomodando o discurso oficial masculino.

## **2.1 Esposas em meio a oposições: Entre o Eros e o Thanatos.**

A construção das personagens Carmem e Beatriz, ocorre por meio de dicotomias. Carmem é descrita como magra, alta, rancorosa, inteligente, bonita e com trinta e nove anos. É “a que toma as decisões”. Já Beatriz, gorda de cinquenta anos, maternal e mais preguiçosa, dada a choros. É “a que obedece”, tal fato leva-nos a ideia de complemento uma da outra. A harmonia entre os três amantes está tão presente no conto que, há uma passagem em que eles são comparados a uma famosa composição musical: “Às três horas da tarde foram os três para a igreja. Parecia um bolero. O bolero de Ravel.” (LISPECTOR, 1998, p. 25). Xavier com suas duas mulheres parecem formar uma unidade que é ameaçada com o aparecimento do quarto elemento: a prostituta, que desestabiliza este triângulo. A quarta mulher não é aceita por as duas esposas, que entre si não tinham ciúmes, mas que não toleram um elemento a mais ao triângulo já estabelecido.

No entanto, a peculiaridade de ter duas mulheres no conto resulta numa ruptura, numa tensão e numa contradição relativa à sociedade. O autoritarismo acaba sendo uma situação com as atitudes de Xavier. Mas, as mulheres tomam a iniciativa de resolver o assunto e obter, mesmo que criminosamente, sua liberdade. No conto, se vê uma leitura bastante à frente do seu tempo que Lispector propõe, já rompendo com o tradicional e os Tabus postos nesta dada época, como por exemplo, fazer sexo por prazer e não reprodução. Segundo Stearns (2010),

[...] da década de 1960 em diante, a maior parte dos ocidentais já podia praticar sexo independentemente da procriação, apenas interrompendo os métodos usados quando houvesse o desejo de ter filhos[...]. O mais extraordinário foi a separação entre a maior parte da atividade sexual e qualquer ideia de concepção: pelo menos em princípio, em nenhum outro momento da história da humanidade havia à disposição tanta possibilidade

de sexo por e para o prazer (STEARNS, 2010, p.234).

Porém, no início do século XX a maioria das mulheres continuavam submissas e coadjuvantes, possuindo papel secundário na direção das decisões da família. Concentra-se na educação dos filhos e administração dos afazeres domésticos, tendo a função suplementar de cuidar do marido, sem contato social efetivo e atividade profissional intelectual de maior porte, fato que se modificou drasticamente com o início da Primeira Guerra Mundial (STEARNS, 2010, p.236). A mulher contemporânea destaca-se pelas mudanças do status dentro da sociedade o novo entendimento de maternidade tardia e a representação que faz da atribuição de ser mãe. Modificando os seus referenciais de vida, como múltiplos compromissos laborais fora do lar, o matrimônio e a prole são preteridos, deixando de ser o objetivo prevalente (STEARNS, 2010, p.237). Discurso este que permeia a identidade de Carmem e Beatriz, mesmo através de um ato doloroso, a morte, mas que se torna precursor para elas atingirem sua plenitude feminina.

A partir do desencadeamento desses fatos, percebemos que as figuras femininas idealizadas por Lispector carregam diferentes essências que se completam, ponto este que domina a narrativa e mostra suas singularidades para que, Xavier estivesse satisfeito com todas as características advindas de ambas, desde as esposas até a terceira (prostituta), o que inspira a busca do protagonista por três mulheres diferentes. No entanto, essa completude só acontece com Xavier esposo das duas, sendo elas submissa a eles, mas, vivendo uma vida de paixão e fugindo da monotonia de um casamento constituído por duas pessoas. Fato que destaca no comportamento feminino uma maneira de existir peculiar, porém sempre dando o “poder” a figura masculina, a virilidade.

O sofrimento de haver mais outra, mesmo fazendo todas as vontades de Xavier, revolta, causa dor as personagens – Carmem e Beatriz, tomadas pelo amor e pela ira em uma relação conflitante e tensa, porém, de reciprocidade. É importante ressaltar que Beatriz e Carmem não tinham uma relação fora do triângulo amoroso, por isso eram reprimidas, continuando à disposição das precisões só de Xavier e delas entre si. Apesar de ser usadas por Xavier, ele tinha o comprometimento de sustentá-las. Ambas impetravam de Xavier benefícios sexuais e também econômicos, mas para libertarem-se da relação a quatro, incluído a prostituta, elas rompem com a tensão que as aflige e a tragédia tem que acontecer, marcando mudanças e reconstruindo suas identidades.

Ainda, de acordo com a teoria Freudiana que descreve um conceito como a Pulsão de vida, como se pode entender essas unidades eram responsáveis por grande parte do

comportamento. Freud ainda determinou que todos os instintos caem em uma das duas classes principais: pulsões de vida e de morte e também conhecido como sexuais - EROS ou os instintos de morte - THANATOS. (FREUD, 1920, p.87)

O Eros é um caminho para contemporizar a vida, fazendo conexões com os objetos, enquanto a força da morte – Thanatos – anseia pelo retorno a uma fase inicial da vida, um estado sem tensão e quase sem vida, e não se esforça para criar conexões com objetos. Além disso, a teoria do Eros e Thanatos é uma ressonância crescente antes do fundo da natureza violenta e autodestrutiva dos desenvolvimentos políticos e sociais em todo o mundo. “Eros ao amor e Thanatos a odiar, ao mesmo tempo advertindo que devemos ser capazes de passar sobre as palavras do bem e do mal. Cada um desses instintos é tão indispensável quanto o seu oposto, e todos os fenômenos da vida derivam de sua atividade” (FREUD, 1920, p. 89).

[...] almoçaram às três horas. [...] Xavier tinha quarenta e sete anos. Carmem tinha trinta e nove e Beatriz já completara os cinquenta. Durante três dias ele não disse nenhuma palavra às duas. Ao teatro os três não iam. Às três horas da manhã Xavier teve vontade de ter mulher [...] Que se arranjasse com a terceira mulher. [...] As duas de vez em quando choravam. (LISPECTOR, 1998, p.22- 23).

Com a descoberta do quarto elemento desencadeia-se no conto o sofrimento e o desejo de vingança, aliados à reflexão da impossibilidade de escapar da morte, o que contribuiu para que Beatriz e Carmem antecipem a morte de Xavier. “Vamos esperar que Xavier morra de morte morrida? [...] Acho que devemos as duas dar um jeito” (LISPECTOR, 1998, p. 32).

Assim surge a ideia do assassinato de Xavier, na aparente naturalidade com que Beatriz e Carmem decidem e executam o crime. E o momento em que o submisso, a mulher, se (re)volta contra seu opressor. A vítima se transforma em algoz. “O quarto estava escuro. Elas fraquejaram erradamente, apunhalando o cobertor. Era noite fria. Então elas conseguiram distinguir o corpo adormecido de Xavier. Estavam exaustas. Matar requer força. Força humana.” (LISPECTOR, 1998, p. 34).

Contudo, existe um momento decisivo que reduz toda a narrativa ao silêncio. É quando a polícia cava o jardim e encontra o corpo de Xavier. A solução do crime, dada pelo policial, é totalmente inusitada: “Vocês duas [...] arrumem as malas e vão viver em Montevideú. Não nos dêem maior amolação”. A potência sexual e a energia criadora de Xavier eram tantas que a terra onde ele foi sepultado tornou-se fecunda e ali floresceram rosas. E uma possível prisão de ambas as mulheres não se concretiza, havendo a alternativa da liberdade e do recomeço em outro lugar. Beatriz e Carmem agradecem: “Muito obrigada. E Xavier não disse nada. Nada havia mesmo a dizer” (LISPECTOR, 1998, p.37).

Freud (1920, p. 45) afirma que “o objetivo de toda a vida é a morte”. Ele reproduziu que as pessoas o experimentam após um evento traumático e que têm um desejo inconsciente com a morte, mas que este desejo é amplamente temperado pelos instintos de vida. Na visão de Freud, o comportamento autodestrutivo é uma expressão da energia criada pelos instintos de morte. Quando esta energia é dirigida para fora e para os outros, é expressa como agressão e violência. Portanto, a mulher que luta por um espaço de liberdade dentro de uma relação de dependência e complementaridade com o mundo masculino. As personagens femininas tentam recolocar-se no mundo com um ato agora de algozes, não mais de vítimas, um mundo em que as mulheres têm pouco espaço, apesar de todas as suas conquistas, porém que vivem em conflito e repressivas com meio que as envolve. As mulheres são absolvidas de seu crime, uma vez que o assassinato na visão da autora parece servir de fuga e compensação para a opressão que vivem, assim vence o Thanatos em nome de um novo Eros.

Ao observamos o enredo sob uma visão mais delimitadora, sexo, morte e mal transpassam toda a obra, estando sugeridos em imagens, cenários ou falas das personagens. Os alimentos são todos “úmidos” e “bons”, o sexo entre Beatriz e Carmem é “triste”, o ato de assassinar Xavier deixa as mulheres “exaustas”, “suadas”, o amante é enterrado em solo “úmido”, “fértil”. (LISPECTOR, 1998, p. 24-25). Todas as referências parecem se entrelaçar, gravitando em torno de um foco, o mal, este que demonstra ser imanente a todos os homens, porém para as mulheres do conto torna-se a viabilidade da liberdade.

Além disso, é importante destacar que todo o desencadeamento discursivo parte de um fio condutor que é o corpo. Começando pelo título do conto analisado. Para Breton (2016), o corpo é uma temática relativa a uma análise antropológica, por ser de pleno direito à estirpe identificadora do homem, sem o corpo que lhe proporciona um rosto, o homem não existiria. No entanto, as representações sociais atribuem ao corpo uma posição determinada, por um simbolismo social. A existência do homem é corporal, e o tratamento social e cultural de que o corpo é objeto, as imagens que lhe expõem a espessura escondida, os valores que o distinguem, falam-nos também da pessoa e das variações que seu modo de existência conhece de uma estrutura social a outra.

Desse modo podemos ressaltar que a construção das personagens femininas no conto de Clarice, no qual são apresentadas por características corporais paradoxas, “alta, magra, gorda, rancorosa e chorosa”, ainda a terceira mulher de Xavier é descrita pelo silenciamento de um modelo padrão de corpo, ao ser revelado que ela o excitava até com os palavrões, deixando-o dormindo como uma criança, havendo a totalidade do prazer sexual. Ainda Xavier é descrito como um homem forte, viril, sanguíneo e truculento, dono de uma indústria fazendo

uma associação simbólica de força, trabalho, comparado a um animal.

O corpo se expressa do mesmo modo como se propaga as emoções e disposições do indivíduo. Os sinais dessa expressão (semblante, gestos, posturas) são sutis, mas perceptíveis, ainda que de forma inconsciente, pelos membros de uma dada cultura. Conforme Breton (2016):

Os sinais do rosto e do corpo inserem o indivíduo no mundo, mas tratando se invariavelmente do compartilhamento de uma comunidade social, eles o transcendem. Um imenso domínio de expressão está apto a colher uma gama de emoções e a traduzi-las aos olhos dos demais, tornando-as compreensíveis e comunicáveis. Os movimentos do rosto e do corpo formam um terreno de metamorfoses espetaculares e permanentes que, no entanto, empregam modificações ínfimas de disposição. Eles se tornam facilmente uma cena na medida em que oferecem à leitura os sinais que revelam a emoção e o papel desempenhado na interação (BRETON, p.16-17).

Assim, o autor argumenta que a existência corporal está imbuída no contexto social e cultural, o canal pelo qual as relações sociais são elaboradas e vivenciadas. Diante disso, estamos perante um campo com inúmeras possibilidades de pesquisas, dentre elas, as investigativas acerca das representações e dos imaginários, no âmbito individual e coletivo, que os atores constroem acerca do corpo. O corpo humano reproduz em escala reduzida os poderes e os perigos que se atribui à estrutura social. O corpo metaforiza o social e o social metaforiza o corpo. No interior do corpo são as possibilidades sociais e culturais que se desenvolvem.

O corpo no conto de Lispector nas personagens Carmem e Beatriz não é apenas um suporte, é a raiz identificadora do homem ou da mulher, o vetor de toda a relação com o mundo, não só pelo que o corpo decifra através das percepções sensoriais ou da sua afetividade, mas também pela maneira como os outros nos interpretam diante dos diferentes significados que lhes enviamos: sexo, idade, aparência, movimentos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante do exposto, o conto: *O Corpo*, de Lispector, materializa atos de submissão, machismo, relações de poder que permeiam a sociedade, busca da liberdade e emancipação feminina, transformando-a em uma obra de arte marcada pelas linhas que ela escreve.

No decorrer da leitura e posterior análise do conto, baseados nos conceitos de Eros e Thanatos de Freud, onde o Eros se transforma em Thanatos e o amor se transforma em morte, e este processo ocorre pela busca da libertação de Beatriz e Carmem a um casamento

submisso, que ao observamos a forte presença do machismo na narrativa encoberta por um tom que permeia o erotismo, a violência, a força, virilidade, considerando que ao mesmo tempo em que esses eventos se passam dentro da diegese, eles tentam ser narrados com certa “naturalidade”. Isto é, o conto vai mostrando na medida em que se desenvolve como a sociedade vê com naturalidade e aceita a relação de poligamia entre Xavier e suas duas mulheres, pelo simples fato dele estar em uma posição confortável de homem, que tudo pode, simplesmente por enquadrar-se na tipologia do sexo masculino, e também por as mulheres permitirem ser submissas a ele.

Essa naturalização do machismo que Lispector enfatiza tão bem é presente em todo o conto, nas idas a igreja, na presença marcada nos locais mais bem frequentados na cidade, no direito a uma amante, e também no fato de Xavier excitar-se com uma cena de estupro no filme. Xavier é, portanto, a micro-representação de uma sociedade e machista que fecha os olhos para determinados comportamentos em detrimento de outros, só pela questão do gênero e da superioridade que parece se impor de um em relação a outro, onde masculino é mais e feminino sempre menos.

Nossa análise pretendeu atingir o objetivo proposto, ao enfatizar no decorrer da narrativa a forma como os personagens se destacam dando maior ênfase a masculinidade de Xavier e a submissão das esposas e por fim a emancipação ambos continuando homem o elemento propulsor. Temos uma relação poligamia e duas mulheres e um homem em um casamento e o terceiro elemento que é a prostituta que no contexto cultural, se justifica dentro do patriarcado, fazendo com que as mulheres busquem no assassinato a liberdade do casamento, Carmem e Beatriz, mesmo distintas, agregam o papel de uma esposa, embora em corpos diferentes. Ressalta-se que a mulher ao longo dos tempos, teve sua função circunscrita à vida privada e submissa às vontades do homem. E aquelas que transgredirem essa ordem eram arduamente punidas. Desde muito tempo, em um universo dominado pelo masculino, a sociedade e a religião contribuem para fundamentar os preceitos em conduzir um mundo diferente para o masculino e o feminino.

O conto mostra que a figura feminina não se contenta mais com os papéis impostos pela personagem masculina, como por exemplo, apenas reproduzir. Conforme a teoria freudiana, elas, então, transgridem a ordem estabelecida pelo universo masculino, patriarcado, pela via do crime. Seu corpo não mais está preso a normas, se destacam pelo desejo sentido, erotismo exalado - EROS, mas transbordam no sofrimento e extravasam na força e sofrimentos pela submissão - THANATOS, libertam-se para agirem conforme seus impulsos e traçarem para si um novo lugar na sociedade. É notado, portanto, a vontade de se

transformar e possuir um corpo que pertença apenas a eles, realizando seus desejos e prazeres. Notamos, portanto pessoas na busca por construir uma identidade, tornando-se enfim donas de si mesmas.

## REFERÊNCIAS

ALEXANDRIAN, Sarane. **História da literatura erótica**. Tradução de Ana Maria Scherer e José Laurênio de Mello. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Tradução de Cláudia Fares. São Paulo: Arx, 2004

BIRMAN, Joel. **Gramáticas do erotismo**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

BIRMAN, Joel. **Cartografias do feminino**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

BRETON, David Le. **Antropologia do corpo**. Rio Janeiro: Vozes, 2016.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. 5ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CROWLEY, Aleister e LIGVORI, Fernando Aiwass. **Rituais, Documentos e a magia sexual da Ordo Templi Orientis**. Disponível em [www.freewebs.com/nakhiel/Rituais](http://www.freewebs.com/nakhiel/Rituais). Acesso em 30 de Outubro de 2018.

DOLTO, Françoise. **Sexualidade Feminina. Libido / Erotismo e Frigidez**. 2ª Edição. São Paulo: Martins Fontes Editora, 1989.

DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **Escrever a História das Mulheres**. In: \_\_\_\_\_. História das mulheres no ocidente. Porto: Afrontamento, 1990. P. 22-25.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Trad. M.T. C. Albuquerque e J. A G. Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREUD, S. (1921). **Psicologia das massas e análise do ego**. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 18. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 89-179.

FREUD, S. **Além do princípio do prazer**. In: **Ensaio de Psicanálise**. São Paulo: L&pm, 2019.

HELENA, Lucia. **Nem musa nem medusa: itinerários da escrita de Clarice Lispector**. Niterói: EDUFF, 1997.

KOSS, Monika Von. **Feminino + Masculino: Uma nova coreografia para a eterna dança das polaridades**. São Paulo: Escritura, 2004.

LISPECTOR, Clarice. **A Via Crucis do Corpo**. São Paulo, Editora: Rocco, 1998.

LOMBROSO, Cesare. FERRERO, Guglielmo. **La donna delinquente: la prostituta e la donna normale**. Turim, Roma (Itália): Editori L. Roux e C., 1893.

PACELLI, Eugenio Maria Giuseppe Giovanni. **Pio XII e os problemas do Mundo Moderno**. São Paulo: Record, 1943.

PRIORE, Mary Del; AMANTINO, M. S. (Org.). **História do Corpo no Brasil**. São Paulo, UNESP, 2011.

ROSÁRIO, N. M. (2006). Mundo contemporâneo: corpo em metamorphose. Disponível em: [http://www.comunica.unisinos.br/semiotica/nisia\\_semiotica/conteudos/corpo.htm](http://www.comunica.unisinos.br/semiotica/nisia_semiotica/conteudos/corpo.htm). Acesso em: 01 de Novembro de 2018.

ROSENBAUM, Yudith. **Clarice Lispector**. São Paulo: Publifolha, 2002.

SILVA, Patrícia Lopes da. OLIVA, Osmar Pereira. **CARMEM E BEATRIZ: Estilhaços de amor e ódio**. ITABAIANA: Gepiadde, 2014.

SILVA, Toma Tadeu da. (org.) Hall, S. & Woodward. **Identidade e diferença**. 13ª ed. Petrópolis. Vozes. 2013.

STEARNS, Peter N. **História da sexualidade**. São Paulo: Contexto, 2010.

TEIXEIRA, Daniel Viana. **Valores democráticos: reflexão ética sobre os significados atribuídos à liberdade e à igualdade**. 2008. 136 f. Dissertação (Mestrado em Direito constitucional) – Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2008.

VIGARELLO, Georges. (Org.). **História da virilidade: A invenção da virilidade, da antiguidade às luzes**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

WANDERLEY, Márcia Gavendish. **A Voz Embargada: Imagens da Mulher em Romances Ingleses e Brasileiros do século XIX**. São Paulo. EDUSP, 1996.

XAVIER, Elódia. **Que corpo é esse? – o corpo no imaginário feminino**. Florianópolis: Mulheres, 2007.

XAVIER, Elódia. **Declínio do Patriarcado – a família no imaginário feminino**. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1998.